



Platão e Nietzsche, uma aproximação extramoral

João Gabriel Farias Lima¹

Resumo

Este trabalho pretende conduzir um encontro entre Nietzsche e Platão, trabalhando tanto a esfera conceitual como uma análise experimental da estrutura e da estilística destes dois autores. De princípio, nos desfaremos da dificuldade que é o tratamento muitas vezes agressivo de Nietzsche com relação a Platão, para examinar melhor sua célebre fórmula Platonismo Invertido. Em seguida, partiremos para uma análise da forma crítica e do estilo dialógico no contexto de crítica cultural, para finalmente chegarmos a uma análise da linguagem destes dois pensadores, podendo a partir de todos esses passos pensar uma leitura de Platão que denominamos “extramoral” e produzir um encontro entre esses dois autores.

Palavras-chave: Nietzsche. Platão. Linguagem. Agon. Cultura.

Abstract

This paper intends to conduct a meeting between Nietzsche and Plato, working both the conceptual sphere and a experimental analysis of the structure and stylistic of these two authors. In principle we will see the difficulty of Nietzsche’s treatment, often aggressive, regarding Plato to further examine his famous formula Inverted Platonism. Then depart for a review of the critical form and dialogic style in cultural critic context to finally analyze the language of these two thinkers, may from all these steps think a reading of Plato that we call "extra-moral "and produce a meeting between these two authors.

Keywords: Nietzsche. Plato. Language. Agon. Culture.

1. Introdução

“A injustiça mais comum que se comete a respeito do pensamento especulativo consiste em torná-lo unilateral, isto é, em ressaltar apenas uma das proposições da qual ele se compõe.”
(HEGEL, *Ciência da lógica*, tr. S.JANKÉLÉVITCH, t. I, p.83)

Platão e Nietzsche são dois acontecimentos que podem ser revisitados e sobre os quais se pode escrever infinitamente. Ao passo que os problemas se apresentam no mundo, a profundidade dos seus pensamentos nos permite visitar seus escritos sem nunca sentir uma sensação de antiguidade. Talvez isso não seja, agora, um mérito muito grande para Nietzsche, dado a relativa juventude do seu pensamento. Os ecos do seu pensamento são influência direta para diversos pensadores pelo mundo contemporâneo.

1 Graduando em Filosofia pela universidade do Estado do Rio de Janeiro. Concentra-se no problema da linguagem e no problema da releitura de tradições filosóficas. E-mail: joagabriel.fariaslima@gmail.com

Mas é sobre Platão que recai a assombrosa perspectiva de um pensamento vivo, pungente mesmo com 2400 anos de existência. Sobre Platão, cai o fardo monstruoso de ter capturado e inaugurado a maioria dos problemas e formas de pensar do ocidente, quiçá do mundo.

Mas não é por isto que se pode ser banal a ponto de revisitá-lo sem uma boa justificativa, muito pelo contrário, já que dois séculos e meio de existência de um pensamento geraram dois séculos e meio de comentários e análises profundas – muito mais amplas do que eu seria capaz de concretizar. O meu motivo para revisitá-lo – além da beleza própria dos seus escritos –, ou melhor, o meu motivo para me debruçar sobre tal monólito gigante da Filosofia tem um nome: Nietzsche.

Nietzsche, mesmo na sua juventude histórica, dava sinais da imortalidade filosófica da qual Platão já goza há milênios. O espírito filosófico de Nietzsche é daquele mesmo tipo do de Platão, o que atravessa cruel e altivamente sua época, submete, sem pena, os pensamentos em voga à sua perspectiva crítica, sem se privar de inaugurar, tanto estilisticamente quanto positivamente, novo e frutífero pensamento.

As dificuldades de encarar Nietzsche não são menores que as dificuldades de encarar Platão. Enquanto o pensamento novo, principalmente o de Nietzsche, sofre pela falta de parâmetro para ser confrontado com seriedade, muitas vezes escapando para usos não exatamente filosóficos e nem sérios, Platão sofre justo do contrário. O pensamento platônico é vítima de um extremo engessamento, balizas acadêmicas, meritocracias desimportantes e um monopólio de paradigma de leitura, que dizem ter sido inaugurado por ele mesmo, um paradigma baseado estritamente na superfície das proposições dos textos, pressupondo, de um modo radical, a premência da racionalidade, uma preocupação unilateral com a verdade lógica. Para resumir, um paradigma do *logos*. Neste sentido, é justo dizer que o pensamento de Platão foi paulatinamente suprimido por uma ideia de Platonismo, que certamente surge da sua atividade filosófica, mas não esgota a vitalidade do pensamento do homem Platão.

Assumindo isto como problema, admitiremos a crítica de Nietzsche ao projeto moral do ocidente e ao projeto racional que o sustenta para reemular Platão. Nos esforçaremos para visar novos *punctums*² que irão revelar um outro horizonte para a

2 BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. A ideia de punctum é trabalhada ao longo do livro. O que nos interessa aqui é o *punctum* como elemento menor que se impõe enquanto sintetizador de uma imagem. Ou como na página 89 do livro: “O *punctum*



fotografia de Platão, um horizonte para além da superfície do texto. Em outras palavras, entendemos que o pensamento de Nietzsche dá origem a essa possibilidade atualizadora, para não dizer genealógica, podendo atualizar tanto a figura do Platonismo, resultado de uma abordagem à superfície textual, quanto a própria figura de Platão, pensador vivo, Filosofante.

A intenção geral deste trabalho é promover esse encontro, fazer este exercício espiritual em busca de outros ares, de certa forma, performatizar o pensamento de Nietzsche no ato de ler Platão. Para tal, visitaremos estrategicamente o diálogo Crátilo de Platão e algumas observações sobre o Fédon, com o auxílio de artigos da contemporaneidade que nos ajudaram a percorrer novos caminhos neste território antigo. Visitaremos também a própria leitura que Nietzsche faz de Platão ao longo da sua vida. Sendo a nossa proposta performatizar uma leitura nietzschiana sobre Platão, nada mais justo do que irmos a esta leitura direta também.

Se este trabalho obtiver sucesso na sua intenção, todos estes esforços comporão uma estratégia para atingir o objetivo proposto, tanto na finalidade quanto no ato do trabalho. É importante frisar que, talvez antes mesmo da finalidade objetiva, o que mais importa, já que se trata de uma performance de Nietzsche, é a prática, o exercício em si. Em outras palavras, se aceitarmos as conclusões práticas do pensamento de Nietzsche, não estaremos nos preocupando com refutações. Afinal, "o que tenho eu a ver com refutações!", iremos meramente "substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro"³.

2. O antiplatonismo de Nietzsche: relação histórica e postura crítica

Para começar, de fato, a explorar positivamente o prazer do nosso exercício espiritual, teremos de lidar com uma dificuldade: a forte crítica de Nietzsche a Platão. A pergunta que provavelmente se imagina ao ler a seção anterior é: como podemos empregar um espírito nietzschiano sobre uma figura que o próprio Nietzsche, diversas vezes, rechaça da sua visão de mundo? Para superar essa dificuldade, até mesmo para não absorver a noção fácil causada muitas vezes por uma leitura apressada e

é, portanto, um extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver."

3 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral – uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp.10

desconcentrada, devemos examinar, primeiramente, o modo como Nietzsche trabalha com o signo Platão.



É preciso, de saída, compreender que a visão de mundo, o pensamento de Nietzsche, não se orienta pelo conhecimento baseado no paradigma do *logos*⁴. Não se trata de fazer uma exegese das teorias de Platão para edificar uma "visão verdadeira" do mesmo e assim refutá-lo. A filosofia de Nietzsche, principalmente o Nietzsche pós-wagneriano, se move mediante uma complexa teoria da linguagem, uma hermenêutica que superposiciona os campos da realidade e da linguagem. A pergunta não é mais se Nietzsche está certo ou errado na sua leitura, os esforços devem seguir a direção de encontrar o valor da metáfora, do *tropos*⁵ "Platão" para o pensamento que Nietzsche quer produzir.

O que significa Platão? Ora, Platão é uma multiplicidade de valores usada por Nietzsche sempre de maneira estratégica. Inicialmente, Nietzsche usa Platão e Sócrates como filosofias que resumem o momento grego do século V e IV (A.C.), aquele momento que inaugura o espírito científico-racional e no qual surge o paradigma do *logos*. Certamente, outros nomes poderiam ter sido usados, mas Platão carrega aquele peso que talvez nem Nietzsche entendesse, ou estivesse se importando naquele primeiro momento. O que interessava para o espírito altivo e crítico de Nietzsche era um adversário, um *agon*. Quem melhor para disputar o destino do pensamento do ocidente do que o homem que inventou o ocidente como conhecemos? Platão foi escolhido, não pelos seus argumentos, mas pelo notável feito de submeter o grande debate filosófico grego ao diálogo entre ele mesmo e Sócrates. Em 1870, Nietzsche já formula sua filosofia como "Platonismo invertido"⁶, e, em 1875, confessava a natureza da sua disputa: "Dito a título de confissão, Sócrates me é tão próximo que quase sempre me vejo em luta com ele"⁷

Bastaria a citação anterior para rechaçar qualquer conclusividade inocente sobre o tópico. Fica claro que a relação de Nietzsche e Platão não se baliza por meras

4 A crítica a ideia de conhecimento, a metafísica e a radicalidade da razão como único modo de estar no mundo é trabalhada durante toda a obra de Nietzsche, principalmente em "Além do bem e do mal", "crepúsculo dos ídolos e no seu "Sobre verdade e mentira no sentido extramoral"

5 Para mais sobre a noção de tropos em Nietzsche ver o seu curso de retórica de 1872 -1873. Traduzido para o Português por Thelma Lessa da Fonseca nos cadernos de tradução USP - 1999.

6 "Minha filosofia, platonismo invertido: quanto mais longe do ser, mais puro, mais belo, melhor. A vida na aparência como meta" FP 1870-71, KSA 7, 7[156]. p.199

7 FP verão 1875, KSA 8, 6[3], p.97.



necessidades críticas. Agora também fica claro que a escolha de Platão como adversário é estratégica para os assuntos que Nietzsche pretende criticar ao longo do seu pensamento. Se o interesse é criticar a filosofia do ser que coloca como destino o homem racional, quem melhor que Platão para ter como contraponto nesta crítica? Talvez Nietzsche não tenha escolhido Platão apenas para contraponto, existe uma semelhança na estratégia de Nietzsche com a do seu adversário. Na arte de escolher estrategicamente seus interlocutores e, com isso, endereçar críticas, Platão é mestre; o próprio formato de diálogo é uma máquina de guerra preparada para escolher adversários e endereçar críticas⁸, certamente Nietzsche absorveu essa característica da filosofia de Platão. Esta proximidade ambígua parece ter sido percebida também por Müller (2012):

Justamente os ataques mais violentos de Nietzsche se explicam frequentemente pelo grau de sua proximidade ao objeto: quanto maior esta proximidade, tanto mais nitidamente ele pode e precisa se distinguir dele de forma sentenciosa. Nesta luta pela distinção em face das semelhanças gritantes, Nietzsche, ao que tudo indica, repete Sócrates e Platão.⁹

Para podermos trabalhar essa ambiguidade, é preciso observar que a crítica de Nietzsche deve ser avaliada sempre sobre dois aspectos; primeiro, o aspecto da crítica metafísica, na qual as palavras Sócrates e Platão são colocadas para representar espantalhos que apontam para as condições culturais e individuais que fazem brotar o objeto da crítica e, neste caso, os nomes Sócrates e Platão podem ser substituídos por Socratismo e Platonismo sem prejuízo de significado algum. O segundo aspecto é o aspecto genealógico. Sob aspecto, é possível afastar a qualidade de doutrinadores ou dogmáticos metafísicos destas figuras e trazer a força de indivíduos filosoficamente decisivos para a história do pensamento e dos valores, ou seja, a partir da perspectiva genealógica, Platão e Sócrates são transvaloradores, que, agora, para Nietzsche se tornam um problema a ser superado, e isto, mais uma vez, em nada tem a ver com refutações, verdade e mentira ou erros, sendo estes, erros morais.

Partindo da diferenciação anterior, produzimos um paradoxo na própria fórmula "Platonismo invertido". Ela significaria tanto um afastamento decisivo da posição de

8 Sobre as estratégias de endereçamento ver: BUARQUE, Luiza – As armas cômicas, os interlocutores de Platão no Crátilo – Rio de Janeiro: Hexis: 2011.

9 MÜLLER, Enrico. Entre Logos e Pathos: O antiplatonismo platônico de Nietzsche – trad. Rogério Lopes. Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p. 41-56, 2012. pp.43.

Platão quanto um retorno a ele, abandonando o próprio paradigma que ele teria fundado. Eis a genialidade desta fórmula: para Nietzsche, a possibilidade de reler Platão significa a releitura da própria filosofia e da sua visão de mundo. A evolução do seu pensamento pode facilmente ser seguida com este fio condutor.

Esta revisita genealógica no pensamento de Platão já produz uma diferenciação entre sua figura filosofante e o Platonismo. Sendo o Platonismo o produto de uma recepção histórica que elencou os trechos dos discursos que tinham relevância teórica e os elevou a categoria de doutrina, passível de transmissão canônica e objetiva. Logo de início, Platão parece desaparecer por detrás da máquina chamada Platonismo. Aubenque (1943) faz uma reflexão interessante sobre Aristóteles que facilmente se aplicaria a Platão:

O que se tomou como hábito de considerar sob o nome de Aristóteles não é o filósofo assim nomeado, nem mesmo seu procedimento filosófico efetivo, mas um filosofema, o resíduo tardio de uma filosofia da qual se desprendeu rapidamente que foi a de um homem existente.¹⁰

Mais à frente ele continua:

Conhecendo do filósofo somente o resíduo de seu ensinamento, ele é mais preocupado com a coerência que com a verdade, e com a verdade lógica que com a verossimilhança histórica (...) Além da arbitrariedade das pressuposições, vê-se o perigo desse método; pois se a síntese não está no texto, é preciso assim que a ideia de síntese esteja no espírito do comentador¹¹

No caso de Aristóteles, o desentendimento é proporcionado por uma incompletude dos textos legados a posterioridade, fazendo com o que a recepção assumisse o papel de completar o inacabado. Em Platão, talvez o problema esteja na incompreensão da natureza da proposta filosófica. Textos densos, polifônicos, enigmáticos, escolhas estilísticas sutis dentro de uma constante autocrítica teórica levaram aos herdeiros a pressuposição de que seu mestre estava inacabado, ou seja, era preciso resolver aquelas confusões que terminavam em aporia. Prefere-se, de uma maneira geral, declarar o sistema como errado, ao invés de questionar a natureza sistemática do pensamento de Platão.

10 AUBENQUE, Pierre. O problema do Ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica; trad. Cristina de Souza Agostini e Dioclézio Domingos Faustino – São Paulo: Paulus, 2012. pp.13.

11 Ibid. pp.15.

É preciso tomar consciência do paradoxo estrutural de Platão. Ao mesmo tempo em que ele produz intenso conteúdo proposicional, ele o faz sob a estrutura da arte. Impressiona como se assume tão naturalmente argumentos lógicos sobre epistemologia, no *Mênnon*, por exemplo, ignorando completamente elementos míticos, poéticos e, sobretudo, o fato de todos os argumentos estarem montados na dramaturgia de um diálogo, simplesmente se assume o ponto de vista de Sócrates como o ponto de vista objetivo-intencional de uma suposta doutrina que Platão acreditava. Desde então, se batalha por uma cronologia, buscando uma identidade acabada do pensamento de Platão que talvez nem exista. Deixando de lado a possibilidade forte de dar à aporia um sentido filosófico que pode ter papel central. A aporia como essência do pensamento de Platão, ao invés de mera incapacidade intelectual.

O próprio Nietzsche parece ter demorado a atender ao caráter paradoxal da estrutura da obra platônica, deixando de lado uma leitura centrada na performance daquele pensamento e suas contradições, para se concentrar em um espantinho do idealismo metafísico. Seus primeiros esforços são voltados para demonstrar o quanto a aderência ocidental ao projeto do *logos* é uma reação patológica ao socratismo. Parece flagrante que Nietzsche está muito mais preocupado com o seu projeto de resgate cultural, influenciado por ideais nostálgicos do romantismo alemão, do que de fato, ler Platão. Neste sentido, Platão é somente um empecilho ao retorno à cultura pré-clássica, ao seu *Ureine*. Sob este aspecto, é nociva a forma como Platão substitui os caracteres singulares da filosofia pré-platônica pelo seu próprio caráter misto e sem força, subjugando a polifonia grega, pelo monótono socrático-platônico.¹²

Nietzsche parte para desenhar o momento que o ocidente abraça radicalmente os impulsos metafísicos contidos no Socratismo.

O fanatismo com que todo o pensamento grego se atira à racionalidade denuncia um estado de penúria (...). O moralismo dos filósofos gregos desde Platão é patologicamente determinado (...) é preciso imitar Sócrates e produzir permanentemente uma luminosidade diuturna contra a obscuridade dos desejos - a luminosidade da razão. É preciso ser prudente, claro, transparente a todo preço: qualquer concessão aos instintos, ao inconsciente conduz a um rebaixamento.¹³

É, sobretudo, no movimento de morte de Sócrates que acontece o evento da desindividualização do *ethos* Socrático. Ali, naquele momento, seu filosofar se

12 NIETZSCHE, Friedrich *Filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Gabriel Valladão Silva in; "Friedrich Nietzsche: Obras escolhidas". Porto Alegre: L&PM, 2013. pp.25

13 CI, O problema de Sócrates, 10, KSA 6, p. 72

credencia para ser “a” filosofia, todas as suas advertências e ponderações contra si mesmo, contra o desejo de não doutrinar, de não universalizar, de não saber, foram mortos em prol de uma mimética falsamente pedagógica da sua vida. Outra vez se ignora a performance de Sócrates em favor das palavras arbitradas em doutrina. Müller (2012) sentencia de forma brilhante:

É justamente aqui, ou seja, preeminente nas consequências, que Nietzsche enxerga o problema fundamental: o "socratismo" posto em marcha através de Sócrates. A veracidade existencial de Sócrates, o pensador do Logos, se converte na verdade do próprio Logos através do evento crucial da sua morte.¹⁴

Este momento é a gênese do abraço patológico do ocidente ao paradigma do Logos, a metafísica dogmática, ao Platonismo.

Porém, em um segundo momento, Nietzsche percebe o caráter oculto e poético. Aos poucos vai se "desconcentrando" da visão patológica para investigar e pensar mais profundamente sobre a práxis da filosofia, ou para usar um conceito adequado a Nietzsche, a performance. O que está por detrás daquelas proposições teóricas postas em disputa, o que está encoberto pelo platonismo secular, passa a ser visto como um pensamento totalmente imerso nos dilemas éticos e no espírito Grego. É, no mínimo, uma irresponsabilidade dissociar o conteúdo de qualquer diálogo sem procurar colocar ele dentro do pano de fundo da paidéia grega, sua religião, sua dramaturgia e poética. A essa altura do pensamento de Nietzsche, Platão pode surgir como livre pensador, como dramaturgo oculto das cenas dos seus diálogos, gênio estrategista da dialética, agora, pode-se pensar, a força performativa de Platão. Deixaremos para trás o artigo de Müller, no qual esta sessão foi largamente inspirada, para a nossa tentativa de reemular Platão. Em alguns pontos retomaremos Müller, em tantos outros, nos encontraremos novamente com a leitura de Nietzsche sobre Platão. Mas, sem dúvida, podemos nos afastar da dificuldade colocada no início da seção para nos aventurar na construção desta máquina aberrante. Retomaremos a seguir a questão do espírito agnóstico e a questão da escolha de interlocutores e endereçamentos, porém, agora, sobre a perspectiva de Platão.

14 MÜLLER, Enrico. Entre Logos e Pathos: O antiplatonismo platônico de Nietzsche – trad. Rogério Lopes. Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p. 41-56, 2012. pp.47.



3. O espírito agonístico: o motor cultural e filosófico.

A seção anterior, nos legou algumas intuições importantes. Primeiro; é de vital importância ter o claro entendimento que existe uma diferença decisiva entre o Platonismo - Filosofia derivada de uma recepção e uma montagem histórica, baseada apenas nas partes escritas que faziam sentido a uma doutrina dogmática - e a filosofia de Platão, filosofia como práxis ética, como escrita, como performance, como vida. Esta simples intuição, colocada em evidência, nos garante um novo horizonte de possibilidades hermenêuticas e uma outra gama de tópicos para explorar nos riquíssimos diálogos de Platão. Um destes tópicos é particularmente caro para a possibilidade que objetivamos com este trabalho, a saber, o espírito agonístico dos diálogos de Platão.

Mesmo que se ignore que o *agon* seja uma das coisas mais importantes para a cultura grega, não há como ignorar que o próprio estilo dialógico, é de fato, o retrato de uma disputa. Quando ignoramos o contexto e pensamos o texto de Platão como monografia expositiva perdemos, sem dúvida alguma, todo o significado da sua filosofia. O *agon* é um dos aspectos culturais que criaram o espírito Grego, o debate é simplesmente um derivado desta postura. Todos os dilemas filosóficos e políticos da época de Platão estavam imerso nos problemas da democracia e na sua constante disputa pela palavra de poder. Ora, agora a palavra de poder não sai mais da boca do *anax* ou do *basileus*, não vem diretamente dos Deuses pela boca das ninfas sem escrutínio posterior, o que é a Filosofia se não esta arena onde discurso e vida se mesclam? O que é a Grécia se não este lugar onde os interlocutores - poetas, filósofos, políticos, cidadãos - disputam constantemente o destino do seu povo? A palavra, o adversário, a vida.

O espírito filosófico, desde o início, é esse refluxo crítico. Platão olha para a sociedade grega, para os problemas da democracia. Como filósofo se espanta, como cidadão, disputa! Luiza Buarque (2011) detecta perfeitamente o valor bélico do diálogo platônico: "O diálogo é uma máquina de guerra veloz, de amplo alcance e não menos poderosa, que elege de cada coro um corifeu e, ao atacá-lo, abate simultaneamente vários inimigos"¹⁵

15 BUARQUE, Luiza – As armas cômicas, os interlocutores de Platão no Crátilo – Rio de Janeiro: Hexis: 2011.pp.43.

O diálogo talvez seja o toque que diferencie Platão de todos os outros. Aliás, a especificidade estilística é uma constante nos filósofos de ponta. Talvez esteja no diálogo a chave daquela submissão, imposta por Platão, da polifonia grega, a qual Nietzsche mencionava. Ao contrário dos seus contemporâneos, que já se introduziam objetivamente nas disputas filosóficas e culturais de sua época, Platão dá um passo atrás, estrategicamente se retira do campo de batalha para dialogar em diversos níveis nos seus textos. O diálogo é a representação dramática que possibilita agregar camadas e camadas de confrontos. Ao escolher os personagens do seu diálogo, Platão se posiciona na dimensão objetiva do texto, com proposições e contraproposições explícitas, mas também endereça críticas a grupos inteiros de pensadores e tendências contemporâneas. O endereçamento é a escolha estratégica minuciosa que compõe a crítica propositiva, a crítica filosófica, a crítica a um cultural e política, todas ao mesmo tempo. Semelhante ao que diz Luiza Buarque (2011):

No caso específico dos textos platônicos serem examinados a partir de seu aspecto dialógico ele apresenta dois níveis distintos de leitura, aquele que aborda o diálogo escrito, ou seja, o diálogo entre os personagens que entram em cena de modo explícito, e aquele que se volta para o diálogo entre o autor dos textos e os grupos de pessoas (ou ainda, tendências intelectuais) [...] prontas para serem lidas alternadas ou conjuntamente"¹⁶

Como exemplo desta estrutura complexa, Luiza aponta para o diálogo Crátilo como exemplo. O texto manteria diálogo entre a tese relativista e a tese concreta no texto explicitada e, ao mesmo, tempo se endereçaria no seu estilo a comédia Aristofânica. É possível perceber que ao mesmo tempo que dialoga nestes sentidos, Platão também dialoga com a dimensão cultural e os comportamentos que essas teses deflagram no mundo, sem, no final das contas, deixar de falar do problema da linguagem em si mesmo. Como um todo harmônico e fractal, cada dimensão pode ser analisada separadamente sem perder a coesão estrutural no todo.

É importante ressaltar que, assim como no caso de Nietzsche, a escolha do seus adversários em nada tem a ver com um desrespeito, o espírito agnóstico grego prescreve justamente o oposto. Quanto mais elevado é o seu adversário, mais belo é o combate. O fato de os diálogos serem nomeados muitas vezes por personagens que são interlocutores adversários, demonstra o profundo respeito que Platão conduzia na montagem do seu pensamento. Para que sua necessidade crítica fosse saciada, para que



sua existência enquanto filósofo fosse bem sucedida, Platão precisava se colocar no mais alto nível, era preciso dialogar com os poetas, com o próprio Homero, com os comediógrafos, com os sofistas, com os naturalistas. Para isso, Platão se elipsa como pensador explícito para tecer estrategicamente uma teia, que reconta a história do pensamento, passado e contemporâneo, ao mesmo tempo que cria essa história, disputando a visão de mundo e a palavra de poder no seio da cultura grega. Um genuíno transvalorador de todos os valores na sua época.

Ao evidenciar o Platão estrategico e dramático, ao colocar em foco esse *punctum* agonístico, já vamos nos distanciando da fotografia produzida por uma leitura apressada e unilateral, que não atenta para aquela diferenciação entre Platão e Platonismo. Ajustando nossa visão para ressaltar o aspecto agonístico dos diálogos, podemos pouco a pouco flertar com a ideia de Platão, por trás das infinitas linhas dos seus diálogos, manejando os personagens e tentando construir uma resposta para os desafios culturais e existenciais da sua época. O Platão estrategico é polimorfo, anônimo no seu próprio texto, e isso, sem dúvida nenhuma, nos dá proposições filosóficas, talvez até mais importantes, que proposições de fato, escritas na superficialidade das linhas do texto.

É interessante pensar como a atenção a esta dimensão dialógica e agonista, aproxima as figuras de Nietzsche e Platão, como críticos das suas sociedades, enfrentando problemas éticos. E o enfrentamento desses problemas leva-os a disputar com o pensamento e com os mecanismos de geração de valor em que eles estão imersos. No caso de Platão, o enfrentamento é com os pensadores da *physes*, os pensadores do *nómos* e com os poetas. No caso de Nietzsche, contra os teóricos da metafísica, contra os niilistas e contra o cristianismo. Uma leitura apressada pode reificar o significado das críticas aqui e colocar a crítica ao cristianismo ou a famosa crítica aos poetas de Platão como coisas em si, e daí nos perderíamos na exegese de proposições que sustentam essa visão. Sem perceber que o que interessa é o fato de que a forma crítica é necessária, os objetos criticados são contingentes. Não faz sentido retomar uma metafísica Platônica esterilizando dela os problemas que fazem ela surgir como resposta, talvez essa postura é de um espírito lógico-ontológico que não seja nem mesmo platônico. O espírito agonístico é um mecanismo de evolução cultural sutil e extremamente poderoso quando pensada para além do paradigma moral. Um grego não disputa para erradicar um inimigo, um grego disputa em prol do belo.

4. O problema da linguagem: realidade entre práxis e a escrita

Na seção anterior, analisamos uma dimensão da filosofia de Platão que tem a ver com a experiência da filosofia enquanto postura crítica, como o espírito agnóstico é uma necessidade e um recurso para responder, de maneira eficiente e econômica, a disputa pelo espírito da Grécia. É interessante perceber que essa camada não seria totalmente acessada se abordássemos o texto exclusivamente na sua dimensão lógica ou propositiva, tivemos que nos aproximar da vida, do *background* cultural do texto, e intuir o caminho de volta para essa dimensão. Continuando neste sentido, chegamos a um ponto onde o próprio texto, único modo pelo qual acessamos Platão e sua filosofia, entra em questão. Um problema hermenêutico para a contemporaneidade, um problema sobre a própria natureza da realidade e das imagens para a antiguidade. A questão da linguagem em Platão, normalmente, não é abordada neste sentido, ele costuma ser mais examinado pelo aspecto da sua crítica às imagens, à metafísica da imitação das ideias e etc. Acreditamos que Platão é uma fonte riquíssima para explorar este problema. E esta outra leitura de Platão, que aqui nos esforçamos em propor, tem bastante a oferecer.

Platão está imerso no contexto do problema da linguagem. A recente invenção da escrita, seu uso experimental e fundamental no projeto político grego e a migração de toda a cultura oral para a cultura escrita ofereceram a Platão reflexões fundamentais. Talvez, até hoje, não tenhamos olhado com cuidado para esse problema em Platão (pelo menos não neste sentido), provavelmente porque nos baseamos em algumas certezas, que talvez fossem hipóteses totalmente experimentais para o povo que inventou o modo escrito de fazer cultura e política. Platão é essa figura que transita entre a cultura, o pensamento e a ética do modo oral até o modo escrito. Mais uma vez, vale a pena ressaltar o quão especial é o estilo dialógico e quão significativo filosoficamente ele é nesta transição. Visando nosso objetivo final, exploraremos um pouco do diálogo Crátilo, que já chamamos atenção para a singularidade dentro da obra Platônica, e trataremos importantes críticas que o próprio Platão faz à escrita. Entendemos que pensar sobre o estatuto da linguagem em Platão é, talvez, mais importante que tudo que foi exposto até aqui para um entendimento mais completo desta outra natureza de Platão que tentamos evidenciar.

O Crátilo trabalha exclusivamente o problema da linguagem, mais precisamente, sobre a justeza dos nomes (*orthotês onomatôn*). É importante frisar que este diálogo é

pouco visitado por ser considerado estranho à obra platônica. Muitas de suas passagens, como a parte inteira das etimologias, são descartadas por critérios totalmente externos ao texto. A melhor resposta da tradição é que o Crátilo é incompleto, tendo que colocá-lo em perspectiva de textos onde Platão estaria com o seu pensamento mais "acabado", como o Fédon, que já apresenta uma teoria da alma imortal. Ou seja, caímos, mais uma vez, na dinâmica do Platonismo precedendo os próprios sentidos do texto. Ou como diz Montenegro (2007):

O Crátilo parece desconcertante a quem pretenda mostrar que é inextrincável a relação entre linguagem e conhecimento, uma vez que a argumentação levada a cabo conduz, ao final do diálogo, a um duplo encurralamento: de um lado, os nomes, pensados como imitações da realidade, guardariam significados ambíguos, de modo a poderem significar tanto a imagem de uma realidade que é puro fluxo quanto a de uma que é sempre a mesma (Crátilo 437c) – nesse caso, não haveria um critério legítimo capaz de orientar a demarcação da verdade e, conseqüentemente, comprometeria a possibilidade mesma do conhecimento.¹⁷

Para Dixsaut (2003), o Fédon seria o diálogo que dá sentido ao Crátilo e a sua aporia sobre a linguagem. Colocando de outra forma, o Crátilo está para o Fédon em uma relação de incompletude. Mas e se fosse o contrário? E se a problemática da linguagem, colocada no Crátilo, estivesse para o Fédon como uma preparação? Estaria aí uma nova linha de fuga para um texto considerado pedra de toque para uma doutrina Platônica baseada na premência da teoria das ideias, ou, como colocamos anteriormente – Um Platonismo dogmático, baseado no paradigma do logos.

Pensar a aporia (principalmente a aporia relativa aos problemas da linguagem) como necessidade estrutural e não como falha a ser corrigida por outros diálogos muda completamente a fotografia de Platão.

Segue-se que, o embate entre as teses concretistas da linguagem, representadas por Hermógenes, contra as teses relativísticas da linguagem, representadas por Crátilo (lembramos brevemente sobre a importância multidimensional do endereçamento), mediadas pelo dialético Sócrates, passam a ser a chave para a leitura do Fédon e, quiçá, de toda obra. Aqui temos a chave do "platonismo invertido" no próprio Platão. Neste sentido, Sedley (2003) teria razão ao supor que Platão escolheu escrever sua obra sob a forma de diálogos para torná-la mais condizente com seu próprio modo de pensar a

17 MONTENEGRO, Maria Aparecida – Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. 2007. pp. 1-2.

filosofia, fazendo-a coincidir com a dialética. Talvez pareça menos estranho atribuir-lhe uma dimensão pragmática do que aquela mais doutrinária, identificada por uma vasta geração de comentadores.

A partir dessa inversão, até os exames etimológicos, tidos como fantasiosos, passam a ser uma espécie de horizonte performativo da filosofia da linguagem propostas no próprio Crátilo, nos deixando a chave para pensar essa língua criadora e sua possível polissemia estratégica em outros diálogos. Sobre isto, explica Buarque (2011):

O trecho fabula tório sobre o nome e seus significados (a assim chamada "etimologia") é uma verdadeira armadilha semiótica: por um lado serve para capturar o leitor-ouvinte, por outro mascara, por intermédio do riso e do jogo de entretenimento o centro prospectivo do quadro, vale dizer a língua como demiúrgica.¹⁸

Dentro dessa performance da linguagem, muitas palavras que são basilares para o entendimento secular de Platão caem em um âmbito polissêmico que vai de encontro a possibilidade de doutrinar ou mesmo fixar uma dogmata Platônica. Por exemplo, a palavra Hades, que tem central importância para a descrição da teoria da alma imortal no Fédon, no Crátilo, é performatizada, não mais remetendo ao invisível – to aidés – (Crátilo 403b), mas, sim, ao desejo de todo homem de vir a ser um homem melhor (superação?). Se persistirmos nesse sentido, a insistência recorrente no Fédon de uma alma que persiste no Hades pode ser interpretada como esforço do homem em geral de se superar, de ser cada vez melhor e belo. Pensando, então, sobre a linha argumentativa dos contrários, que faz aparecer o conceito de Hades no Fédon, podemos interpretar que o Hades é a dimensão que sustenta o desvelamento da vida, mas uma dimensão que está sempre presente enquanto sombra da vida, nos afastando da noção ontológica e metafísica que leva a crença de que existe outro mundo ideal totalmente separado do mundo imperfeito da vida cotidiana. Conjugando as duas intuições anteriores temos o Hades, não mais como mundo dos “mortos ideais”, mas como a dimensão atrelada a vida onde as possibilidades de superação sustentam o que é.

Outra palavra cara à concepção da alma imortal e à teoria das ideias é a palavra corpo. O corpo entendido como prisão é a uma das raízes da crítica Nietzscheana ao Platonismo, porém, dentro desta perspectiva do Crátilo, encontramos outra polissemia interessante:

18 BUARQUE, Luiza – As armas cômicas, os interlocutores de Platão no Crátilo – Rio de Janeiro: Hexis: 2011.pp.14.



O corpo (sôma) é associado ao termo sema, que significa prisão, mas também sinal (Crátilo 400c). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o corpo é pensado como prisão da alma, pode também constituir, ao exemplo do caso de um belo corpo - temática recorrente tanto no Fedro (250c -251b) quanto no Banquete (210a - 211c) -, o sinal da existência de uma bela alma e, pelo caminho ascendente da dialética, do próprio Belo em si.¹⁹

O corpo entendido como prisão, dá razão a Aristóteles quando ele acusa o Platonismo que duplica o mundo, e dá razão à crítica de Nietzsche, que coloca o Platonismo e o Cristianismo em paralelo quando o assunto é enfraquecer e denegrir o corpo. Mas o entendimento do Corpo como sinal converte-o na dimensão paralela e de igual valor à dimensão conceitual-ideal. O corpo é o sinal paralelo do Belo, não uma mera mimeses imperfeita de uma forma.

Obviamente, não queremos aqui advogar uma leitura totalmente cética de Platão, embora este ângulo ainda seja plausível. Não acreditamos ser totalmente possível ignorar os diversos argumentos que propõem uma imperfeição da vida como resposta, são argumentos fortes que aparecem com frequência, porém é importante frisar que estes argumentos sempre aparecem como resoluções possíveis, inferir que estas respostas são verdadeiras, ontologicamente falando, pressupõe muita coisa. Nos parece possível, e recomendável, duvidar do valor em si da superfície desses argumentos. Neste sentido, a chave de leitura de Trabattoni (1996) é esclarecedora. Trabattoni enxerga que Platão não abre mão de uma dimensão metafísica da alma, mas, ao mesmo tempo, reflete sobre um modo de viver e existir intensamente atravessado pelas debilidades da própria vida. O papel do Filósofo se revela no plano dramático do próprio diálogo, sendo ele o juiz dialético que media o valor dos nomes e dos comportamentos entre a *physei* e o *nómo*, entre os sofistas e os poetas, entre os demagogos e os tiranos.

Seria justo contra-argumentar que o Crátilo sozinho não pode representar a chave de leitura para toda a obra Platônica, não posso discordar que o número de passagens que advogam para uma natureza metafísica idealista é grande. Contra isso, gostaria de argumentar que a própria natureza da conservação histórica dos diálogos platônicos já podem ser responsáveis por essa significativa predileção metafísica, similar ao que aconteceu com o próprio cristianismo, onde o critério do que deveria ou não ser conservado foram totalmente alheios ao próprio Cristo. Fora isto, é importante

19 MONTENEGRO, Maria Aparecida – Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. 2007. pp. 5.

ressaltar que o próprio caráter dialógico, o próprio espírito agnóstico, os sinais estilísticos presentes em todos os textos platônicos, depõem a favor de um Platão muito mais esfíngico que o estudo secular de Platão permite. Sendo que esse caráter misterioso e aporético parece totalmente intencional e significativo filosoficamente. Platão ainda nos oferece o Parmênides, uma grande autocrítica que aponta para um comportamento totalmente voltado para uma atividade filosófica totalmente instável e inquiridora, até mesmo dos seus próprios princípios. O desconcerto perene que vem junto com os estudos da obra de Platão é que ele, como nenhum outro, compõe e harmoniza a natureza paradoxal da realidade, performatizada em discurso à natureza que ele enxerga no mundo.

Aqui poderíamos também ter a resposta para a suposição da Filosofia esotérica de Platão, decorrente de uma interpretação da passagem 341b-d da famosa Carta VII, onde Platão declara que nunca escreveu nada sobre os principais assuntos que pensava. Mais uma vez, a pressuposição e a necessidade totalmente externa à obra de haver uma doutrina positiva e logicamente completa em Platão faz os críticos suporem que Platão ministrava a sua doutrina de forma particular, esotericamente. Porém, dentro da possibilidade de leitura que ressaltamos aqui, esta constante crítica à escrita nasce do pensamento mesmo de Platão, não só sobre a escrita, mas sobre a linguagem e o conhecimento. A discussão sobre a justeza dos nomes, a incessante pesquisa sobre a possibilidade do conhecimento e o constante lembrete da impossibilidade do conhecimento em vida nos fazem defender que Platão aponta para a crítica a uma filosofia do tipo doutrinária em prol de uma filosofia muito mais pragmática, colocando em questão o valor das proposições em si em face da economia do texto e das respostas a problemas totalmente práticos.

5. Conclusão

À luz da proposta de reemular Platão, percorremos um caminho extenso com uma rigorosidade diferente da rigorosidade da academia contemporânea. Não é surpresa, já que nossos paradigmas, desde o início, pretendem-se diferentes daqueles. Neste sentido, a escolha dos nossos objetos, Nietzsche e Platão, são tanto uma tentativa de reproduzir a estratégia destes mestres, quanto uma necessidade, já que está nestes

dois polos a chave da crítica ao paradigma que tentamos nos desvencilhar no decorrer deste texto.

No final deste percurso, qualquer distanciamento conclusivo entre essas duas figuras magnânimas, que uma leitura desatenta e apressada dos dois pode gerar é, sem dúvida, um equívoco gravíssimo. Nietzsche e Platão têm muito mais em comum do que normalmente se prega. Um estudo sério sobre as duas filosofias da linguagem pode revelar muito mais do que este trabalho tentou fazer. Apesar da teoria da linguagem deles diferirem, apesar de um deles ter baseado sua filosofia na negação do outro, podemos ver que isso foi uma mera contingência dos mecanismos históricos, tanto a economia das filosofias quanto a forma delas são de veras semelhantes. Dois filósofos preocupados com a degeneração cultural encontram na herança histórica um adversário pelo espírito de suas épocas. Imersos em uma guerra no meio de outros grupos intelectuais, percebem que existe na linguagem um paradoxo que trabalha com uma imperfeição criativa, porém ambos não se deixam levar pela tentação de um niilismo passivo. Contra isto, ambos têm que assentar novos princípios, sólidos e maleáveis o suficiente para combater tanto a ameaça totalizadora de uma ontologia do ser, como num ser totalmente parmenídico ou totalmente metafísico, quanto a ameaça nulificadora de um nadismo sem ética, como na crescente sofista ou a ameaça niilista. A resposta de Platão é uma advertência séria ao ser senciente e seus hábitos que o faz criar uma sofisticadíssima hipótese filosófica que seja metafísica e ética (pragmática) ao mesmo tempo. A resposta de Nietzsche é uma aposta na força da alma de domar as doenças, um retorno à vida como princípio e uma estética da vida. Ambos, no final das contas, estavam preocupados com a superação do homem. Um *ubermensch*, um homem ideal, em outra palavra, um *Allotropos*, uma outra maneira de existir.

As semelhanças não param aí, poderíamos falar sobre estética, sobre a ficcionalização da vida no mito e na filosofia tardia de Nietzsche, sobre a vida como performance filosófica no personagem Sócrates e no Zarathustra (ou até no próprio personagem Nietzsche). O que nos interessou aqui foi produzir algumas intuições que fossem suficientes para reemular a figura de Platão, emprestar um pouco da nossa vitalidade para um pensamento se manifestar de novo em todas as suas cores, não mais em um tom monocromático de preocupações meramente exegéticas.

Entendemos que a possibilidade de aproximar Nietzsche e Platão, reemulando o espírito platônico, é a possibilidade de reemular a própria filosofia, um movimento de

leitura existencial que compromete a nós mesmos, afinal, este é o único tipo de leitura que vale a pena. E, talvez, esse fosse o desejo mais íntimo de Platão e de Nietzsche, um pensamento, uma palavra tão forte que fosse viva, capaz de criar, uma palavra de poder totalmente nova, pois, assim como eles foram tomados pela vida, eles escreveram para tomar a realidade. Nossos esforços para colocar Platão e Nietzsche em um encontro extramoral terminam aqui. Cito uma passagem de Nietzsche, que apesar de não ter sido escrita para Platão, poderia ter sido:

O filósofo busca deixar ressoar em si a consonância do mundo, para então extraí-la de si mesmo na forma de conceitos: enquanto é contemplativo como o artista plástico, compassivo como o religioso e ansioso por fins e causalidades como o homem da ciência, enquanto sente-se inflar ao nível do macrocosmo, matem a prudência para observar-se friamente, como imagem refletida do mundo, a mesma prudência que possui o artista dramático, que, mesmo se transformando em outros corpos e falando por intermédio deles, ainda assim sabe projetar essa transformação para fora, na forma de versos escritos. Aqui, aquilo que o verso é para o poeta, é para o filósofo o pensamento dialético: ele o a garra para poder agarrar seu encantamento, para poder, para poder petrificá-lo. E, assim como palavra e verso são para o dramaturgo apenas um balbuciar numa língua estrangeira, para nela dizer o que via e vivia, a expressão de qualquer intuição filosófica mais profunda pela dialética e pela reflexão científica é, por um lado, o único meio para compartilhar o vislumbrado, mas, no entanto, também um meio lastimoso, sendo, no fundo, uma transposição nada confiável para uma esfera e uma linguagem totalmente distintas.²⁰

Assim via Platão, a unidade de tudo aquilo que é: e, desejoso de comunicar-se, dialogava!

Referências bibliográficas

AUBENQUE, Pierre. *O problema do Ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica*; trad. Cristina de Souza Agostini e Dioclézio Domingos Faustino – São Paulo: Paulus, 2012.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BUARQUE, Luiza – *As armas cômicas, os interlocutores de Platão no Crátilo* – Rio de Janeiro: Hexis: 2011

DIXAUT, M. *La Natura Filosofica: Saggio sui dialoghi di Platone*. Napoli: Lofredo Editore, 2003.

20 NIETZSCHE, Friedrich *Filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Gabriel Valladão Silva in; “Friedrich Nietzsche: Obras escolhidas”. Porto Alegre: L&PM, 2013. pp.31.

MONTENEGRO, Maria Aparecida – *Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão*. 2007.

MÜLLER, Enrico. *Entre Logos e Pathos: O antiplatonismo platônico de Nietzsche* – trad. Rogério Lopes. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 13, p. 41-56, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Gabriel Valladão Silva in; “Friedrich Nietzsche: Obras escolhidas”. Porto Alegre: L&PM, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral – uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLATÃO. *Crátilo ou Sobre A Correção Dos Nomes* – trad. Celso de Oliveira Viera. São Paulo: Paulus, 2013.

PLATÃO - *Fédon*. Coleção Os pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

SEDLEY, D. *Plato's Cratylus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRABATTONI, F. *Scrivere nell'anima: verità, dialettica e persuasione in Platone*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1994.